

# O PAPEL DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NOS GÊNEROS SERMÃO RELIGIOSO, ENTREVISTA TELEVISIVA E AULA EXPOSITIVA

*Eliaine de Moraes Belford Gomes<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a questão dos gêneros textuais-discursivos tem sido alvo de muitas pesquisas, rendendo inúmeros trabalhos. É a partir dos gêneros textuais-discursivos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), desde 1999, direcionam o ensino da leitura e da produção textual. Esse documento também reconhece o papel fundamental dessa abordagem na interação socio-comunicativa. Dessa forma, como norteadores do ensino da língua, os gêneros

---

<sup>1</sup> Meu primeiro contato com a professora Vera foi na disciplina de Linguística III, durante a minha primeira graduação em Letras (Português/Literaturas) na UFRJ. Era um curso sobre Gramática Gerativa. Acreditem! Conheci as árvores gerativas por meio de Vera Paredes. Por ter encontrado algumas dificuldades em um conteúdo totalmente novo para mim, tive que solicitar horário de atendimento com a professora da disciplina. Foi através desses encontros particulares que passei a admirar ainda mais as nítidas qualidades de Vera enquanto professora: atenciosa, dedicada, paciente, justa. Anos depois, quando ingressei no Mestrado em Linguística, na mesma instituição, tive que escolher um orientador até o fim do 1º semestre do Curso. Foi então que as boas recordações das aulas com a professora Vera, na graduação, me levaram a procurá-la. Fui aceita por ela e comecei a ser apresentada à Sociolinguística

textuais-discursivos favorecem o desenvolvimento da competência linguística e discursiva, ampliando a participação social do indivíduo.

Diante dessa noção de fato social a que se referem os diversos aspectos dos gêneros textuais-discursivos, Bhatia (1997) acredita que o estudo dos gêneros pode explicar a razão pela qual os falantes usam a língua do jeito que fazem. Assim sendo, os fenômenos linguísticos podem ser examinados a partir dessa perspectiva que visa a linguagem em uso.

Um exemplo de fenômeno linguístico que pode ser explorado sob a perspectiva dos gêneros textuais-discursivos é a variação entre construções sujeito-predicado e construções tópico-comentário no português brasileiro (PB). As relações de sujeito-predicado sempre foram, majoritariamente, objeto de estudo da sintaxe tradicional. Por sua vez, as estruturas de tópico-comentário começaram a ser discutidas por Pontes, na década de 1980 do século passado.

Desde então as estruturas de tópico-comentário, classificadas pela teoria linguística como Construções de Tópico (doravante CTs), passaram a ser alvo da atenção de inúmeros pesquisadores que escrevem desde artigos a dissertações de mestrado e teses de doutorado, como verificamos em Braga (1987), Duarte (1995), Belford (2006), para citar apenas alguns. O fenômeno tem sido explorado sob diferentes perspectivas e vertentes teóricas, tanto na escrita quanto na fala. Na modalidade oral, o assunto pode ser discutido sob a perspectiva dos gêneros textuais-discursivos como entidades dinâmicas e formas socioculturais, o que diferencia nosso trabalho dos demais.

Assim sendo, nosso ponto inicial nesta discussão toma como base a investigação de um fenômeno sintático-discursivo (as CTs) associado à caracterização

---

Variacionista. Cada encontro com a professora Vera só constatava que eu havia acertado na escolha. Graças à sua orientação, obtive meu título de Mestre. Devido à exitosa e frutífera parceria desenvolvida no Mestrado, não poderia escolher outra pessoa a não ser a mesma Vera para me orientar no Doutorado que, futuramente, viria a realizar. Foram mais quatro anos e meio de convivência, repletos de pesquisa, de compartilhamento, de troca, de parceria, de dedicação, de profissionalismo, de cafês e encontros (muitos em sua própria residência onde ela sempre me recebeu de braços abertos) e de muito crescimento. Foi durante o Doutorado, também, que tive o prazer de, mais uma vez, ser sua aluna em uma disciplina sobre Gêneros Textuais-discursivos, o que serviu de base para o desenvolvimento da minha tese e cujos resultados apresento neste texto de forma parcial. Ainda hoje, sempre que possível, a professora Vera faz de tudo para me ajudar no que lhe é possível, seja doando materiais que já não lhe são mais úteis, seja com um livro que é presenteado como um mimo. Vera, por tudo isso que escrevi e por tudo mais que não foi expresso aqui, merci beaucoup, thank you very much, MUITO OBRIGADA! Eli.

de três gêneros textuais-discursivos (o sermão religioso, as entrevistas televisivas e as aulas expositivas), sob a orientação da professora Vera Paredes, que muito vem contribuindo aos estudos sobre gêneros textuais-discursivos.

Nesta pesquisa,<sup>2</sup> além da perspectiva dos gêneros textuais-discursivos, também trabalhamos sob a ótica da Linguística Funcional e da Sociolinguística Variacionista, e debruçamo-nos apenas em um dos tipos das CTs: o Deslocamento à Esquerda de Sujeito (DEs). Referimo-nos a essa estrutura como [Sintagma Nominal + Pronome Anafórico + Verbo], analisando-a como variante da estrutura [Sintagma Nominal + Verbo], como pode ser observado em:

- 1) “que o cérebro *ele* possui dois hemisférios...” (AE 1)<sup>3</sup> vs
- 2) “**O** cérebro **tem** toda uma técnica.....”<sup>4</sup> (AE 1)

A amostra, coletada a partir do ano de 2010, foi composta por diferentes gêneros discursivos (sermão religioso, entrevista televisiva e aula expositiva), retirados, em sua grande maioria, do YouTube.<sup>5</sup> Estudamos a referida construção nos níveis sintático, discursivo e prosódico, sempre considerando as estruturas de [SN + Pronome Anafórico + Verbo] e [SN + Verbo] em alternância de uso na língua, tecendo, assim, comparações entre ambas.

O que motivou essa pesquisa foi o fato de ouvirmos com muita frequência esse uso à nossa volta, em situações cotidianas. Ao ir à Igreja, assistir à televisão e assistir a uma aula, parecia-nos que tais construções se tornavam cada vez mais presentes. Por isso, optamos por escolher os sermões, as entrevistas e as aulas como os gêneros cujos aspectos poderiam ajudar-nos a discutir e explicar o uso das CTs pelos falantes do PB.

Neste artigo, apresentaremos um recorte desse trabalho recente (BELFORD, 2016), focalizando alguns dos fatores motivadores das estruturas em variação e concentrando a exposição, sobretudo, na caracterização dos gêneros textuais-discursivos em análise.

---

<sup>2</sup> Os resultados apresentados neste artigo foram obtidos por Belford (2016), em sua tese de Doutorado.

<sup>3</sup> A identificação dos exemplos neste capítulo será realizada da seguinte forma: SR = Sermão Religioso, ET = Entrevista Televisiva e AE = Aula Expositiva.

<sup>4</sup> Tema: Técnicas de Memorização. 2015.

<sup>5</sup> Conforme acessado a partir de [www.youtube.com](http://www.youtube.com).

## REVISÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Realizaremos a seguir uma breve revisão literária acerca do fenômeno sob investigação, apresentaremos algumas teorias que serviram de suporte teórico para a nossa análise, faremos algumas reflexões norteadoras sobre os gêneros trabalhados e indicaremos a metodologia adotada para a realização da pesquisa.

### Alguns estudos precedentes

Alguns trabalhos podem ser mencionados como precedentes e orientadores para o estudo do fenômeno em questão. Entre eles podemos citar: Pontes (1981, 1987), Braga (1987), Duarte (1995) e Belford (2006).

Pontes (1981, 1987) foi a precursora dos estudos de tal construção a partir do uso. A autora traz o assunto à discussão, mostrando como tais estruturas estão presentes no português falado coloquial do Brasil. Seus exemplos foram colhidos no uso real da língua, na década de 1980, e seus informantes foram representantes da classe culta de Belo Horizonte, pessoas de nível universitário. Pontes discute essas denominadas Construções de Tópico, considerando sua abrangência, sua semelhança com estruturas que ocorrem em outras línguas, caracterizando-as para um melhor reconhecimento e identificação.

Braga (1987) realiza um trabalho variacionista, tratando de dois tipos de Construções de Tópico, a saber: Topicalizações (de objeto) e Deslocamentos à Esquerda (de sujeito) [SN + Pron. Anaf. + Verbo]. Seus dados foram obtidos do discurso oral de falantes não adultos e adultos, disponível na amostra Censo 1980 do acervo do Projeto PEUL/UFRJ. Especificamente, no que se refere aos deslocamentos, Braga identifica três variáveis linguísticas como influentes em seu uso: dimensão do SN deslocado à esquerda; presença de elementos interferentes entre o SN deslocado à esquerda e a proposição a ele referente; e caráter animado do SN deslocado.

Duarte (1995), em sua tese de doutorado, dedica um capítulo à estrutura aqui estudada. Entre outras observações, Duarte afirma que tal estrutura não parece ser uma característica apenas do PB. Ela também lembra que tais estruturas, típicas da fala, são encontradas no francês, língua de sujeito preenchido, mas se acham ausentes em línguas de sujeito nulo, como o espanhol e o italiano, em que aparece um pronome cópia de um Sintagma Nominal de Objeto e não de Sujeito. Além disso, mostra, também, que existe uma infiltração de tal estrutura na modalidade escrita, incluindo crianças em fase de alfabetização e estudantes universitários.

Belford (2006) analisou dois entre os tipos de Construções de Tópico: a Topicalização de Objeto e o Deslocamento à Esquerda de Sujeito. A análise foi norteada pela perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista Laboviana. O estudo baseou-se em um corpus constituído de 22 entrevistas da Amostra Censo 2000. Encontrou-se uma baixa frequência de topicalizações e deslocamentos em relação à estrutura canônica. Para a variação entre estruturas com retomada de pronome (como Construção de Tópico, que é o foco deste artigo) e sem retomada de pronome como sujeito, foram encontrados 15% de casos da primeira. Especificamente com relação a tais casos, os fatores linguísticos identificados como seus maiores favorecedores foram a presença ou ausência de elemento interferente entre o SN e seu comentário, e a natureza do verbo da oração. De um modo geral, os resultados reforçaram a natureza discursiva do tópico.

Nosso trabalho propõe-se a analisar apenas uma das construções que se podem incluir sob o amplo rótulo de Construções de Tópico: [SN + Pron. Anaf. + Verbo], em uma perspectiva variacionista, alternando com [SN + Verbo]. Com o objetivo de evidenciar o papel discursivo que o pronome anafórico exerce ao retomar o SN, analisamos o uso de tais construções em três gêneros da modalidade oral (sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas), que nos pareceram favorecedores desse uso, num corpus por nós constituído.

## **Teorias de análise linguística**

Uma das teorias na qual nos pautamos para o desenvolvimento do nosso trabalho é a Linguística Funcional, pois nos preocupamos em estudar uma estrutura, considerando o contexto comunicativo em que é usada. Além disso, por considerar nosso objeto de estudo um fenômeno variável, também lançamos mão do suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

A Linguística Funcional ou Funcionalismo constitui uma abordagem da língua direcionada para o uso, observando a língua no seu contexto. Nessa perspectiva, a sintaxe varia em virtude da interação discursiva. Givón (1979) afirma que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função, e é esta função que orienta sua maneira de ser.

Segundo Butler (2003), o Funcionalismo linguístico constitui uma abordagem que se preocupa principalmente com a relação entre padrão linguístico e contextos de uso. O conhecimento linguístico ultrapassa o conhecimento das regras sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas, para considerar também a maneira pela qual essas regras podem ser usadas em diferentes tipos de contexto.

Um dos princípios do Funcionalismo que consideramos relevante para o nosso estudo é o fluxo da informação. Segundo Chafe (1976, p. 28), esse princípio tem a ver com a “embalagem” da informação, ou seja: “tem a ver primeiramente com a forma como a mensagem é transmitida e apenas em segundo plano com a mensagem em si”.<sup>6</sup> Dentre os autores que se dedicaram à discussão da informatividade, podemos destacar os trabalhos de Prince (1981, 1992). A autora apresenta um modelo para classificar as entidades do discurso, organizando os referentes discursivos em três grupos: novos, evocados e inferíveis.<sup>7</sup>

Entende-se por um referente “novo” – ou entidade nova – um elemento que é introduzido pela primeira vez no discurso. Um referente pode ser “evocado” – ou “velho” – se já tiver ocorrido no texto (textualmente evocado) ou se estiver disponível na situação de fala (situacionalmente evocado). O referente é “inferível” ao ser identificado, por um processo de inferência, com base em outras informações já dadas ou em esquemas cognitivos já acionados.

Os estudos de Prince nos auxiliaram a responder a uma das perguntas que o nosso trabalho desenvolveu: se a retomada anafórica estaria preferencialmente associada a um dos estágios de ativação do conhecimento (focal, periférico ou inconsciente), em que uma informação pode apresentar-se como “nova”, “evocada” (“velha”), ou “inferível”.

Outra teoria orientadora do nosso trabalho foi a Sociolinguística cuja preocupação é o estudo da língua, relacionando estruturas linguísticas aos aspectos sociais envolvidos no âmbito do fenômeno em foco. A língua não é vista de modo independente de um contexto situacional específico, correlacionando-se aspectos linguísticos e sociais.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a Sociolinguística Variacionista. O fato de a língua apresentar inúmeras diversificações em seu uso, sendo vista, assim, como um sistema heterogêneo, leva a uma análise voltada para a observação de modos alternativos para se dizer a mesma coisa, ou seja, com o mesmo valor de verdade. Essa heterogeneidade presente em uma comunidade de fala é levada em conta e pode ser apreendida na sua sistematicidade.

---

<sup>6</sup> “[...] have to do primarily with how the message is sent and only secondarily with the message itself”.

<sup>7</sup> Na verdade, o que apresentamos acima é uma proposta simplificada do modelo de Prince, pois originalmente, ela propõe a entidade *nova* que pode ser dividida em **não usada e totalmente nova** (esta ainda se divide em **totalmente nova ancorada** e **totalmente nova não ancorada**); a *evocada* que pode ser **evocada textualmente** ou **evocada situacionalmente**; e a *inferível* que também pode ser de dois tipos: a **inferível não incluidora** e a **inferível incluidora**.

Desse modo, tendo em vista que todas as línguas são heterogêneas e dinâmicas, e considerando-se que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias podem ser sistematizadas, a Sociolinguística Variacionista busca descrever a língua em uso, reconhecendo a variação, entendendo-a como uma característica inerente das línguas, podendo ser descrita e analisada. O trabalho do sociolinguista, portanto, é pesquisar, entender e identificar em que situação um grupo de indivíduos emprega uma ou outra variante, buscando identificar os parâmetros que regulam seu uso.

Particularmente nesta pesquisa, reconhecemos a ocorrência de uma variação entre a CT [SN + Pron. Anaf. + Verbo] e a estrutura [SN + Verbo], que é passível de sistematização, uma vez que tanto as CTs como a ordem SVO representam duas formas que alternam em diferentes situações. Isso pôde ser observado em gêneros a que habitualmente estamos expostos, como sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas. Assim, descrevemos e sistematizamos a seguinte variável linguística: a construção [SN + Pron. Anaf. + Verbo] alternando com [SN + Verbo]. Verificamos, dessa forma, em que situação os falantes tendem a empregar uma ou outra variante. Apresentamos a variável a seguir, com exemplos extraídos de amostra do gênero “sermão” (domínio religioso):<sup>8</sup>

- 3) “que **os pregadores de mãos cheias eles produzem** frutos verdadeiros.” (SR 3) [SN + Pron. Anaf. + Verbo]
- 4) “**Os pregadores de mãos cheias não são** pregadores de vento.” (SR 3) [SN + Verbo]

Nos exemplos acima, temos o SN “os pregadores de mãos cheias” sendo utilizado pelo mesmo falante, durante um sermão religioso, em contextos semelhantes (ambos seguidos de um verbo no tempo presente). Ocorre variação, pois representam duas formas usadas uma ao lado da outra na língua sem a verificação de mudança no significado básico.

Vejamos os exemplos a seguir, extraídos do gênero “aula”:

- 5) “Mas, em princípio, **o lado direito ele vai ser** fundamental para você aprender coisas novas...” (AE 1) [SN + Pron. Anaf. + Verbo]
- 6) “O lado direito não. **O lado direito é** o lado das conjecturas, é o lado do pensamento propriamente dito.” (AE 1) [SN + Verbo]

---

<sup>8</sup> Os exemplos representantes das variantes são sempre apresentados em pares.

No exemplo (5), observa-se a estrutura em foco, em que o pronome “ele” aparece logo após o SN “o lado direito”. No exemplo (6), há a utilização da estrutura [SN + V]. Nos dois casos, ambas as orações são independentes e os SNs aparecem em contextos bem semelhantes, sendo, inclusive, seguidos pelo mesmo verbo (“ser”). Foram realizadas pelo mesmo falante num curto espaço de tempo: o primeiro exemplo ocorreu aos 03 minutos e 29 segundos (03m29s) e o segundo ocorreu aos 03m50s da aula em curso.

Verificam-se as mesmas características nos conjuntos de pares a seguir, todos realizados em contextos semelhantes, apresentando muitos traços em comum: são produzidas pelo mesmo falante (num curto espaço de tempo); são orações iniciais; algumas apresentam até o mesmo verbo.

- 7) “E a nação brasileira *ela* tem que ser uma nação cuja, cujo Deus é o Senhor.” (SR 2)
- 8) “E a nação brasileira não pode se tornar uma nação marxista.” (SR 2)
- 9) “A compulsão por compras *ela* é uma compulsão...” (ET 1)
- 10) “A compulsão por compras é uma compulsão...”. (ET 1)
- 11) “O cérebro, como máquina, *ele* tem que ser tratado de forma que você entenda em que momento...” (AE 1)
- 12) “O cérebro tem toda uma técnica, uma necessidade para que ele funcione melhor...” (AE 1)

Tais exemplos nos permitiram considerar essas estruturas como um caso de variação, reconhecendo uma equivalência semântica básica entre as variantes e fazendo uso de algumas variáveis semânticas e discursivas para controlar os matizes significativos.

## Reflexões norteadoras sobre os gêneros sermão religioso, entrevista televisiva e aulas expositivas

Buscamos, no âmbito da Análise de Gêneros, os fundamentos para o trabalho que desenvolvemos em nossa pesquisa.

Em primeiro lugar, diante da variedade de nomenclatura existente na literatura sobre gêneros, em que podemos ter “gêneros textuais”, “gêneros discursivos” ou “gêneros textuais-discursivos”, justificamos a nomenclatura que escolhemos utilizar em nossa análise. Optamos por usar indistintamente a nomenclatura



gêneros textuais-discursivos. Da mesma forma que Rojo (2005),<sup>9</sup> acreditamos que ao enunciarmos uma ou outra, estamos tratando os gêneros de maneira semelhante. Na verdade, olhando para os gêneros como situações comunicativas, pode-se dizer que este trabalho valoriza a “síntese brasileira”, que sugere que “as tradições de gêneros sociológicas e retóricas não precisam ser incompatíveis com as tradições linguísticas e, quando interconectadas, essas tradições podem oferecer uma rica visão do funcionamento dos gêneros e de como podem ser ensinados em diversos níveis” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 101). Assim, não fazemos distinção entre as formas de tratamento existentes.

Os trabalhos de Bazerman, Swales e Ochs trazem contribuições significativas aos estudos dos gêneros textuais-discursivos.

Para Bazerman (2005), os diversos aspectos dos gêneros textuais-discursivos referem-se, principalmente, à noção de fato social, entendido como “aquilo em que as pessoas acreditam e passam a tomar como se fossem verdade, agindo de acordo com essa crença”. A partir dessa perspectiva, que entende a linguagem em seu contexto social, olhamos para os gêneros não “como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem, [...] gêneros como entidades dinâmicas”, (MILLER, 1984) para discutir a estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo].

Por sua vez, em sua proposta sociorretórica para o estudo de gêneros textuais-discursivos, Swales (1990, 2001) formula uma definição própria, apontando o “propósito comunicativo” como a característica mais importante dos gêneros, uma vez que compreende que estes têm a função de realizar um ou mais objetivos. O autor admite que, às vezes, é difícil estabelecer um único propósito comunicativo, pois este pode não vir manifesto ou por haver conjuntos de propósitos comunicativos. Ainda assim, Swales defende que o propósito comunicativo é o critério mais importante para se caracterizar o gênero, pois determina uma ação e é vinculado ao poder:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. [...] O propósito comunicativo é o

---

<sup>9</sup> Segundo Rojo (2005), a vertente dos **gêneros discursivos** centrava-se no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos. Por sua vez, a vertente dos **gêneros textuais**, centrava-se na descrição da materialidade textual. Contudo, muitas vezes, recorriam-se aos mesmos autores e essa busca em comum já apontava para o fato de que: “embora os trabalhos adotassem vias metodológicas diversas para o tratamento dos gêneros [...] todos acabavam por fazer descrições de ‘gêneros’, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero.” (2005, p. 185-186).

critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha focado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. (SWALES, 1990, p. 58).

Swales (2001), ao revisar o conceito de propósito comunicativo, apresenta-o, não como o parâmetro principal que define o gênero, mas como uma parte de um conjunto de elementos, aquele item que é considerado essencial quando a análise de um gênero requer uma reavaliação. Se outros elementos (como conteúdo, experiências da comunidade e traços do gênero) não são suficientes para caracterizá-lo, o propósito comunicativo funciona como critério fundamental de identificação. Mais adiante, quando discutimos cada gênero em particular, aplicamos esta proposta para mostrar que cada um dos gêneros aqui analisados pode ser diferenciado a partir do propósito comunicativo.

Ochs (1979) também apresenta um aspecto muito relevante ao trabalho com gêneros: o nível de planejamento. Em seu trabalho a autora apresenta as seguintes definições (1979, p. 55):<sup>10</sup>

- I. Discurso não planejado é o discurso em que há a ausência de premeditação e preparação organizacional;
- II. Discurso planejado é o discurso em que há premeditação e é organizado (preparado) previamente.

A própria autora observa que essas definições caracterizam formulações extremas do conceito de planejamento; muitos dos discursos encontrados em comunicações no dia a dia não se encaixam em nenhum desses extremos, pois produzimos e percebemos discursos que são relativamente não planejados ou relativamente planejados (semiplanejados).

Entendemos que os gêneros com os quais trabalhamos (sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas) são instâncias da língua falada que têm certo planejamento prévio, ou seja, trata-se de um discurso semiplanejado.

Os três gêneros discursivos explorados neste trabalho são gêneros de uso corrente que estão presentes em situações com as quais lidamos no nosso dia a dia. São gêneros em que a palavra falada assume papel fundamental. Durante observações iniciais, a alta ocorrência da estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo] nesses gêneros chamou a nossa atenção. Assim, nossa proposta foi analisar essa

---

<sup>10</sup> **Unplanned discourse:** “discourse that lacks forethought and organizational preparation”; **planned discourse:** “discourse that has been thought and organized (designed) prior to its expression.”

estrutura nesses três gêneros, observando, principalmente, a função discursiva desempenhada pelo pronome anafórico.

Além das relevantes contribuições aos estudos de gêneros acima apresentadas, também gostaríamos de destacar outros dois estudiosos dos gêneros textuais-discursivos, com suas respectivas linhas teóricas, a saber: Bakhtin (2003), que segue uma perspectiva sócio-histórica e dialógica; e Marcuschi (2008), que congrega várias abordagens à análise dos gêneros.

Bakhtin (2003) estende a discussão dos gêneros além da fronteira da literatura. O autor prioriza o estudo da natureza do enunciado e a diversidade de situações de comunicação. Estudar o enunciado como unidade real da comunicação discursiva ajudará na compreensão das palavras e das orações. Bakhtin defende também que a intenção discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso, o que ele define como tipos relativamente estáveis de enunciados: “Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas.” (2003, p. 282-283).

Segundo Bakhtin, três elementos estão ligados ao gênero como um todo: o *conteúdo temático* (o que se pode dizer: os temas, os assuntos); o *estilo* (a escolha dos recursos linguísticos do gênero, ora relacionados a questões individuais, ora a questões de registro, mostrando maior ou menor grau de formalidade); e a *construção composicional* (formas de organização textual, como um gênero começa ou acaba, observando-se os tipos textuais). Para o autor, tais elementos “estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. (*op. cit.*, p. 262).

Além disso, o autor destaca o que chama de dialogismo. Segundo ele, “O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 298). Todo enunciado sempre se relaciona de uma forma ou de outra aos enunciados do outro, que o antecederam. E isso se torna um traço essencial do enunciado: seu direcionamento a alguém.

Todas essas colocações do autor contribuem para a sua caracterização dos gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, bem como para a sua tese de que a escolha de um determinado gênero é determinada por considerações temáticas, pela situação concreta de comunicação discursiva e pela composição pessoal de seus participantes.

Além de Bakhtin, consideramos, também, a abordagem de Marcuschi (2008), que distingue os conceitos de “tipo textual”, “gênero textual” e “domínio discursivo”. O tipo textual seria uma espécie de construção teórica, o que conhecemos como narração, argumentação e descrição, por exemplo. Podemos aqui mencionar o trabalho de Paredes Silva (2010) quanto à caracterização de tipo textual. Segundo a autora,

entendemos os *tipos textuais* como estruturas disponíveis na língua, com marcas linguísticas específicas, identificadas principalmente com base no sistema de tempo/aspecto/modo do verbo, e ainda na centração em determinada pessoa do discurso (1ª, 2ª, e 3ª), na tendência semântica a predicados de natureza mais verbal ou nominal, à ordenação predominantemente lógica ou cronológica, entre outros aspectos. (*op. cit.*, p. 485-486).

Já o gênero textual, para Marcuschi, corresponde aos textos situados sócio-historicamente, que encontramos em nossa vida diária, como um telefonema, uma carta pessoal, um bilhete, entre outros. Por fim, o domínio discursivo seria, citando Bakhtin (2003), uma “esfera da atividade humana”, indicando instâncias discursivas, como discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc. Ainda tomando Bakhtin (2003) como referência, Marcuschi defende tais posições, admitindo que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, concretizando-se através de enunciados. Daí a importância de se relacionar o gênero do discurso com as atividades humanas.

Em nosso estudo, consideramos igualmente que um domínio discursivo dá origem a vários gêneros. Os três domínios com que trabalhamos, em particular, foram: o religioso, o jornalístico e o acadêmico.

Apresentamos um quadro resumido de Marcuschi (2008, p. 194-195). Observe-se que os destaques referem-se à modalidade, ao domínio e ao gênero com que trabalhamos.

MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA		
Domínios discursivos	Escrita	Oralidade
Científico, acadêmico e educacional	Artigos científicos; verbetes de enciclopédia; relatórios científicos	<b>Aulas</b> ; conferências; debates; discussões
Jornalístico	Editoriais, notícias; reportagens	<b>Entrevistas televisivas</b> ; notícias de rádio; boletim do tempo
Religioso	Orações; rezas; catecismo	<b>Sermões</b> ; confissão; cantorias
Saúde	Receita médica; bula de remédio; parecer médico	Consulta; entrevista médica; conselho médico
Comercial	Rótulo; nota de venda; fatura	Publicidade de feira; publicidade de TV; publicidade de rádio
Industrial	Instruções de montagem; descrição de obras; avisos	Ordens
Jurídico	Contratos; leis; regimentos	Arguição; depoimento; ordem de prisão

Quadro 1 – Gêneros textuais-discursivos por domínios discursivos e modalidades

Marcuschi faz tal separação, na qual certos gêneros são agrupados sob o mesmo domínio discursivo, levando em consideração que os mesmos agregam uma prática discursiva em comum. Contudo, podemos observar que alguns gêneros, mesmo sob o mesmo domínio, apresentam suas próprias características. Por exemplo, no âmbito do domínio jornalístico, nas entrevistas televisivas, espera-se ouvir a opinião de alguém sobre algo; um boletim meteorológico, por sua vez, tem uma natureza mais informativa, sem margem para opinião.

A seguir veremos uma breve caracterização dos gêneros sermão religioso, entrevista televisiva e aula expositiva, segundo a apresentação bakhtiniana sobre *conteúdo temático, estilo e construção composicional*.

## O gênero do domínio religioso: o sermão

O sermão pode ser caracterizado como um discurso oral, feito por um membro de uma instituição religiosa, geralmente sustentando uma crença, lei ou comportamento. Os elementos de um sermão incluem exposição, exortação e aplicação prática.

No que se refere ao seu *conteúdo temático*, os sermões apresentam como característica principal temas de cunho bíblico, teológico, religioso ou moral. Comentários de leituras/textos bíblicos como fonte também são realizados. No exemplo apresentado a seguir, o tema é o sofrimento como meio de se chegar a algum lugar, sem ser visto de uma maneira vã.

“O sofrimento figura na vida humana como uma das realidades mais recorrentes, causa de muitos dizeres, volto a dizer, causa de muito pensar, causa de muita reflexão. O sofrimento sempre foi um tema, uma realidade que nos fez pensar... [...] Aquele momento que antecede o Calvário, aquele momento de angústia suprema, em que Ele, em que Ele nos revela, que a **dor ela** é comum em todos os lugares...”

(SR 2. Tema: “O sofrimento é porta”)

Quanto ao *estilo*, os sermões apresentam certo grau de formalidade, uma vez que são realizados para um público dentro de uma igreja, local em que, geralmente, espera-se um comportamento de respeito e atenção/reverência. O preletor tenta, também, prender a atenção do ouvinte para alcançar o seu objetivo, que é o de persuadi-lo a seguir suas orientações, por ser o porta-voz de um poder superior. Para tanto, às vezes, diminui o grau de formalidade. Geralmente, não há interlocuções.

Já no tocante à *estrutura composicional*, podemos ter narrações, descrições e argumentações, de acordo com o tema abordado.

## O gênero do domínio jornalístico: a entrevista televisiva

Uma entrevista televisiva é uma alternância de turnos entre duas ou mais pessoas, geralmente, entrevistador e entrevistado(s), em que perguntas são feitas pelo entrevistador de modo a obter informação necessária por parte do(s) entrevistado(s). A entrevista televisiva, de modo geral, pode ser vista por duas perspectivas: por um lado, há uma pessoa apresentando seu ponto de vista; por outro, há duas ou mais pessoas que se envolvem num jogo interacional no qual podem ser disputados pontos de vista entre os participantes. Contudo, o foco principal centra-se na figura do(s) entrevistado(s).

Quanto ao seu *conteúdo temático*, as entrevistas televisivas podem variar bastante. Entretanto, se unificam no ponto em que, geralmente, tratam de temas polêmicos, atuais da sociedade e/ou de conhecimento geral. No exemplo a seguir, o tema é aposentadoria.

Entrevistador: “Pra gente ter uma ideia da situação atual, existe muita diferença no pagamento da aposentadoria pra iniciativa privada e pro serviço público?”

Entrevistada: “Sim, a diferença é significativa, porque na iniciativa privada **o trabalhador ele está** limitado ao teto do regime geral, que é de R\$3.916,00 e no serviço público não é essa limitação. Então, o, **o Estado ele tem que bancar** uma aposentadoria que é quase paritária com o salário do servidor na ativa, que sai bastante caro.”

(ET 3. Tema: “Gestão Pública”).

Quanto ao *estilo*, as entrevistas televisivas podem ser marcadas por um certo tom de formalidade, uma vez que o(s) entrevistado(s) fala(m) diante de uma câmera e espera-se que se expressem dentro da norma padrão da língua.

Quanto à *estrutura composicional*, esse gênero pode apresentar várias características, além da existente por natureza, que é a presença de diálogo. No exemplo acima, temos, principalmente, a resposta a um questionamento, em que a entrevistada fornece esclarecimentos sobre um assunto.

## O gênero do domínio acadêmico: a aula expositiva

Como já vimos, Marcuschi (2008) considera a aula expositiva como parte integrante dos gêneros textuais-discursivos. A aula expositiva pode ser entendida como uma apresentação sobre determinada área de conhecimento e que segue um roteiro preestabelecido pelo professor.

No que se refere ao seu *conteúdo temático*, as aulas podem apresentar temas diversos, segundo a disciplina. No exemplo apresentado a seguir, o tema são técnicas de memorização.

“Olá, aluno do pré-militar virtual, tudo bem com você? Eu sou o professor Fábio Azevedo e hoje nós vamos falar de um assunto muito importante nessa sua caminhada até a aprovação no concurso pré-militar, nós vamos falar sobre a máquina que faz você passar efetivamente, que é o seu cérebro, **o cérebro**, como máquina, **ele tem que ser tratado** de forma que você entenda em que momento ele descansa...”

(AE 1. Tema: “Técnicas de Memorização”.)

Quanto ao *estilo*, as aulas apresentam graus distintos de formalidade, uma vez que são realizadas para pessoas distintas de acordo com o local e com o público-alvo. Uma aula universitária, possivelmente, terá um grau maior de formalidade do que uma aula numa escola secundária, por exemplo. O professor tenta, também, de acordo com os seus ouvintes, utilizar diferentes estratégias para alcançar o seu objetivo, que é o de transmitir um conteúdo de maneira mais atrativa, diminuindo um pouco, assim, o grau de formalidade.

Já no tocante à *estrutura composicional*, podemos ter narrações, descrições e argumentações de acordo com o tema abordado.

Diante dessa caracterização dos três gêneros em questão, apresentamos o Quadro 2, fazendo uma junção de Swales (2001) e Bakhtin (2003).

<b>Gêneros textuais-discursivos</b>	<b>Conteúdo temático</b>	<b>Estilo</b>	<b>Estrutura composicional</b>	<b>Propósito comunicativo (SWALES, 2001)</b>
Sermão (discurso religioso)	Temas de cunho bíblico, teológico, religioso ou moral	Formal, semiformal	Sequências narrativa, descritiva, com predominância da argumentativa	Proporcionar reflexões; ser persuasivo; obter adesão dos ouvintes
Entrevista televisiva (domínio jornalístico)	Temas diversos: atuais da sociedade e/ou polêmicos e/ou de conhecimento geral	Formal, semiformal	Sequências narrativa, descritiva, argumentativa, com predominância da dialogal	Fornecer informações e/ou declarações que validem informações ou relatos de situações vividas; emitir opinião
Aula (domínio acadêmico)	Temas diversos, segundo a disciplina	Informal, <sup>11</sup> semiformal	Sequências narrativa, descritiva, argumentativa, com predominância da expositiva	Transmitir conteúdos e conhecimentos

Quadro 2 – Caracterização dos gêneros textuais-discursivos por Swales e Bakhtin

## Metodologia

Os dados utilizados nesta pesquisa provêm de amostras atuais de fala (a partir de 2010), divulgadas pela internet, através do site YouTube, e por mim coletados e transcritos, em diferentes eventos comunicativos, distribuídos segundo a classificação discursiva de Marcuschi (2008): domínio religioso (sermão); domínio jornalístico (entrevista televisiva); e domínio acadêmico (aula expositiva). Os dados caracterizam-se por serem dados não elicitados, produzidos em situações reais de comunicação. São instâncias da língua falada que têm certo planejamento prévio, ou seja, trata-se de um discurso semiplanejado (OCHS, 1979) – no que se refere à temática.

Para melhor distribuição e organização dos dados, algumas estratégias foram adotadas. Dentre elas está o modo da escolha dos dados. Decidimos selecionar, primeiro, o mesmo quantitativo de construções de tópico marcado para cada gênero em questão e, depois, fazer o somatório de horas. Selecionamos 90 dados com a estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo], que nos serviram de ponto de referência, em cada gênero, o que resultou no seguinte somatório de horas:<sup>12</sup>

- I. Sermões: aproximadamente 15 horas de gravações;
- II. Entrevistas: aproximadamente 10 horas de gravações;
- III. Aulas: aproximadamente 6 horas de gravações.

<sup>11</sup> O nível de informalidade dessas aulas pode ser medido, por exemplo, através do uso de formas reduzidas: “tá”, “pra”.

<sup>12</sup> Esse quantitativo já nos dá um primeiro indicio de tendências de acordo com os gêneros.



Para a compreensão do texto oral produzido, buscamos identificar as estratégias utilizadas pelos falantes que podem influenciar a ocorrência do fenômeno em estudo.

Reconhecendo, então, que a inserção do pronome após um SN tem se apresentado como um traço presente na fala atual do português brasileiro, e partindo da hipótese central de que esse pronome anafórico desempenha uma função discursiva, formulamos algumas hipóteses em relação à sua ocorrência, a saber:

- I. a presença de material interveniente entre o SN e o verbo seria um propulsor da construção de tópico;
- II. o status informacional do SN poderia favorecer o uso do pronome;
- III. a retomada do referente cuja função sintática anterior era distinta poderia motivar a presença de pronome anafórico.

Para a análise dos dados do fenômeno, na perspectiva variacionista, utilizamos o pacote de programas estatísticos GoldVarb (versão X), que realiza uma contagem das ocorrências, o cálculo das percentagens de aplicação para os fatores linguísticos formulados e o peso relativo de cada um deles, segundo as hipóteses formuladas.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos, a seguir, alguns dos resultados mais relevantes à nossa pesquisa, obtidos através da análise dos grupos de fatores derivados das hipóteses levantadas. Para tanto, mostraremos o fator mais significativo para cada gênero em particular, fazendo comparações e discutindo algumas questões que consideramos relevantes. Tais grupos foram propostos tendo em vista nossa perspectiva de que o uso da construção tem motivação discursiva, verificando como eles contribuem para o desenvolvimento das ideias durante o discurso.

Identificamos, em nosso corpus, 966 ocorrências do fenômeno variável, como pode ser observado na tabela a seguir:

<b>Variantes</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>
SN + Pron. Anaf. + Verbo	270/966	28
SN + Verbo	696/966	72
Total	966/966	100

Tabela 1 – Distribuição das variantes nos três gêneros

Antes de falarmos sobre os dados acima distribuídos em cada gênero, faz-se interessante apresentar o resultado encontrado ao considerar o gênero como um grupo de fatores. Nosso objetivo com esse grupo foi o de verificar se um dos três gêneros analisados poderia constituir um contexto mais favorecedor para a ocorrência da estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo], observando até que ponto características específicas de cada gênero poderiam propiciar a ocorrência desse fenômeno. Eis na tabela os resultados encontrados e apresentados em forma de gráfico:

Fatores	Apl/T	%	PR
Gênero Sermão Religioso	90/447	20.1	0.39
Gênero Entrevista Televisiva	90/292	30.8	0.49
Gênero Aula Expositiva	90/227	39.6	0.70
Total	270/966	28	

Tabela 2 – Uso de DEs em relação ao Gênero Discursivo

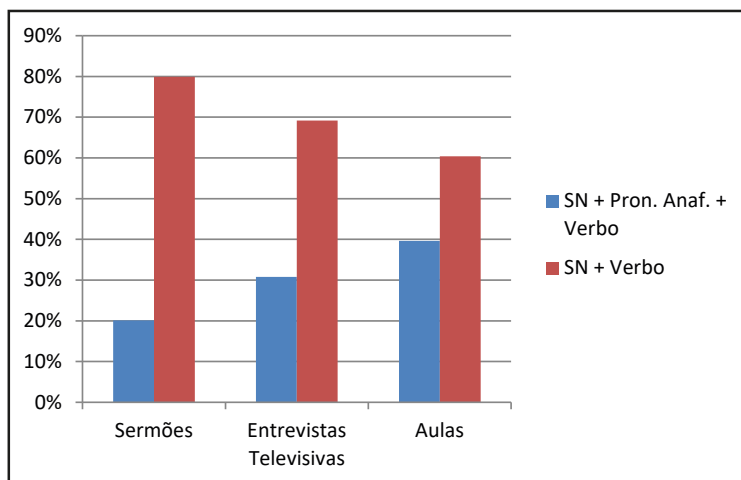


Gráfico 1 – Uso de DEs em relação ao Gênero Discursivo.

A princípio, os três gêneros se assemelham por apresentarem um planejamento prévio de conteúdo, principalmente os sermões e as aulas, mas sem haver um controle no momento da produção oral, caracterizando uma fala relativamente pouco monitorada quanto à estrutura sintática propriamente dita.

Segundo os resultados acima, o gênero aula apresenta-se como o discurso mais favorecedor para a ocorrência de DEs, confirmando o indicativo na apresentação da metodologia. A seguir, ao mostrarmos os resultados específicos para cada gênero, voltamos a este resultado, apontando possíveis explicações para esse indicativo.

## O gênero sermão religioso

Mostram-se, a seguir, os resultados específicos para o gênero sermão. Identificamos, nesse corpus, 447 contextos possíveis de variação, como pode ser observado na tabela a seguir. Nesses contextos, apenas 20% dos SNs foram retomados pelo pronome.

<b>Variantes</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>
SN + Pron. Anaf. + Verbo	90/447	20.1
SN + Verbo	357/447	79.9
Total	447/447	100

Tabela 3 – Distribuição das variantes no gênero Sermão

Na análise dos 20% de estruturas [SN + Pron. Anaf. + Verbo] encontrados no gênero sermão, o grupo selecionado como mais relevante foi “presença/ausência de material interveniente”. Segue uma apresentação desse grupo e a tabela que representa os números encontrados para esse grupo e algumas observações.

Esse grupo de fatores tem sido utilizado por vários autores para verificar sua influência na realização das Construções de Tópico. Braga (1987) e Belford (2006) apontaram para a relevância da interposição de elementos entre o SN e o verbo.

Verificamos nesse grupo se a presença de material interveniente entre o SN e o Verbo favoreceria a ocorrência do pronome anafórico. Propusemos dois fatores, adaptando o trabalho de Braga (1987), que apresenta e caracteriza o material interveniente:

- a) Presença de material interveniente entre o SN e o Verbo
- b) Ausência de material interveniente entre o SN e o Verbo

No que se refere a essa variável, vemos os resultados a seguir.

<b>Fatores</b>	<b>Apl/T</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Presença de Material Interveniente	39/60	65.0	0.92
Ausência de Material Interveniente	51/387	13.2	0.40
Total	90/447	20.1	

Tabela 4 – Uso de DEs em relação à Presença ou Ausência de Material Interveniente em Sermões

Tais resultados indicam que a presença de material interveniente entre o SN e o verbo favorece o aparecimento de um pronome anafórico, apresentando-se

altamente significativo (0.92) no gênero sermão. Isso pode ser explicado devido ao uso de vocativos, exemplificado a seguir:

13) “**Os atletas, minha gente, eles trabalham** sempre para superar...” (SR 1)

14) “**A Bíblia, meus irmãos, ela** é nossa única regra de fé e conduta.” (SR 7)

Possivelmente, essa característica constante do preletor de um sermão, referindo-se ao público presente na igreja, pode ter contribuído para essa maior polarização dos resultados.

Observamos, assim, que a interposição de material entre o SN e o verbo representa uma quebra de continuidade, podendo afetar a boa compreensão do discurso. O falante, então, utiliza o pronome como um lembrete do referente para evitar qualquer falha na comunicação.

## O gênero entrevista televisiva

Identificamos, nesse corpus, 292 contextos possíveis para o fenômeno variável, como pode ser observado na tabela a seguir. Aqui o percentual de SNs com a retomada anafórica sobe de 20% (nos sermões) para 30.8%.

Como já era esperado, por ser o gênero que apresenta características mais peculiares com relação aos outros (vide a sequência dialogal), a entrevista televisiva apresentou alguns resultados bem característicos.

Variantes	Apl/Total	%
SN + Pron. Anaf. + Verbo	90/292	30.8
SN + Verbo	202/292	69.2
Total	292/292	100

Tabela 5 – Distribuição das variantes no gênero Entrevista Televisiva

O grupo mais relevante na seleção das variáveis independentes pelo Gold-Varb X no gênero entrevista televisiva foi “status informacional do SN”.

Veja-se uma explanação sobre o grupo de fatores selecionado e a tabela com os resultados desse grupo para o gênero entrevista televisiva.

A hipótese que levantamos é a de que a estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo] tenderia a envolver mais entidades evocadas (velhas) que entidades inferíveis e, excepcionalmente, entidades novas. Assim, esse grupo é composto de 3 fatores:

- a) Entidades Evocadas: estamos considerando um elemento evocado o mesmo item léxico que é mencionado anteriormente no discurso;
- b) Entidades Inferíveis: pode-se inferir o SN pelo contexto;
- c) Entidades Novas: o SN é introduzido, sem nenhuma referência anterior, é produzido sem nenhuma menção prévia no discurso.

Na amostra particular do gênero entrevista televisiva, obtivemos os seguintes resultados:

Fatores	Apl/T	%	PR
Evocado	69/156	44.2	0.64
Inferível	21/132	15.9	0.33
Novo	0/4	0.0	
Total	90/292	30.8	

Tabela 6 – Uso de DEs em relação ao Status Informacional do SN em Entrevistas Televisivas

Convém destacar que esse grupo foi selecionado somente no gênero entrevista e destacou-se como o mais relevante. Acreditamos que essa seleção possa ser explicada pelo fato de a entrevista constituir-se um ambiente propício para a produção de entidades evocadas. Belford (2006), em seu trabalho com entrevistas sociolinguísticas, sentiu necessidade de distinguir dois subtipos de entidades velhas: as velhas “engatilhadas”<sup>13</sup> (que são provenientes da interação do entrevistador com o falante); e as velhas, que são encontradas no discurso do próprio falante. Nesta pesquisa, não fizemos tal subdivisão, mas o SN como “gatilho” pode ser visto como segue:

- 15) Entrevistador: “Bom, primeiramente, vamos entender qual que é a importância de ser ter um **código** de trânsito brasileiro.”  
Entrevistado: “Bem, **nosso código ele** é muito antigo, né?” (ET 11)
- 16) Entrevistador: “Como é que vai funcionar **a Fundação** da Previdência Complementar do Servidor Público?”

<sup>13</sup> Os termos “engatilhadas” e “gatilho” compõem a variada nomenclatura do princípio do paralelismo linguístico, proposto por Scherre (1998), que pode ser entendido como a repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso. Essa repetição da mesma forma linguística tem se constituído um fator importante na análise variacionista de diversos fenômenos.

Entrevistado: “**A Fundação ela** é uma instituição pública de direito privado...” (ET 9)

Nos exemplos acima, percebe-se que, nos dois momentos, a fala do entrevistado serve de “gatilho” para a fala do informante. O pronome anafórico apareceu, hierarquicamente, junto a entidades evocadas e inferíveis. Essa hierarquia foi atestada, também, por Braga (1987).

## O gênero aula expositiva

Identificamos, nesse corpus, 227 contextos possíveis de variação, como pode ser observado na tabela a seguir. Enquanto nos sermões e nas entrevistas, tivemos um percentual de 20 e 30%, respectivamente, esse valor sobe, no gênero aula, para quase 40%.

Variantes	Apl/Total	%
SN + Pron. Anaf. + Verbo	90/227	39.6
SN + Verbo	137/227	60.4
Total	227/227	100

Tabela 7 – Distribuição das variantes no gênero aula expositiva

Como já observado nos resultados para o grupo “gêneros discursivos”, o gênero aula foi o que mais propiciou a ocorrência de DEs. Talvez as características peculiares desse gênero, referentes ao seu estilo mais informal e ao seu propósito comunicativo, que é o de transmitir conteúdos e conhecimentos, contribuam para esse favorecimento, uma vez que essas características levam a uma constante reiteração de elementos e à repetição de itens que acabam sendo retomados através do pronome. A forma como as aulas são gravadas para a exposição na internet, havendo preocupação com a clareza para ficarem mais acessíveis ao ouvinte, também pode contribuir para o uso de repetições. Veja-se o seguinte trecho de uma aula:

- 17) Por exemplo, o lado da fala é o **lado esquerdo**. **O lado esquerdo ele fala**, ele pronuncia a fala. **O lado esquerdo ele repete** o que cotidianamente estamos acostumados a falar, ou a saber ou a executar. (AE 1)

No gênero aula expositiva, o grupo de fatores mais relevante foi “mudança/permanência de função”.

Para esse grupo selecionado no gênero aula, a hipótese levantada é a de que, quando o SN aparece em uma função sintática diferente de sua menção anterior no discurso, o pronome tende a aparecer.<sup>14</sup> Esse grupo foi formado por dois fatores:

- a) Mudança de função (geralmente um objeto que passa a sujeito);
- b) Permanência de função.

Eis os resultados encontrados para esse grupo de fatores no gênero sermão. Veja-se a tabela a seguir.

Fatores	Apl/T	%	PR
Mudança de função	48/81	59.3	0.66
Permanência de função	32/86	37.2	0.34
Total	80/167	47.9	

Tabela 8 – Uso de DEs em relação à Mudança ou Permanência de função do SN em Aulas

Como se verifica, o grupo “Mudança ou permanência de função sintática do SN” apresentou relevância na seleção da variante no tocante ao gênero aula expositiva, correlacionado ao fenômeno em estudo. Também reitera a função discursiva do pronome em retomar um elemento que troca de papel na oração, mudando para a função de tópico.

Convém destacar que, devido ao propósito comunicativo do gênero aula expositiva, que é transmitir conteúdos e conhecimentos (cf. SWALES, 2001), a repetição é uma tática muito comum para que haja fixação. Essa repetição pode levar um elemento a mudar seu papel sintático quando passa a ser tópico e ganha posição de destaque no discurso:

- 18) “Você tem que ler **as orientações curriculares**.” (AE 4) (objeto direto)
- 19) “**As orientações curriculares**, então, **elas** têm uma forma bastante interessante, eu diria...” (AE 4) (sujeito)

Verificar que a mudança de função representa um fator importante para o favorecimento do pronome anafórico vem corroborar seu papel discursivo. Ao

<sup>14</sup> Cabe ressaltar que, para esse grupo de fatores, foram observados apenas os elementos “velhos”, presentes textualmente, pois não há como observar se houve mudança ou não de função de um elemento inferível.

destacar o elemento que vai se tornar o tópico, o pronome anafórico exerce um papel altamente funcional. Essa troca de papéis, em que o SN é levado à posição de tópico na frase, é marcada pelo pronome, geralmente, retomando uma ideia já apresentada no discurso.

Paredes Silva (2003), em sua pesquisa sobre o uso do pronome sujeito de primeira e terceira pessoa, propõe uma escala de conexão discursiva composta por sete níveis. O grau 6 refere-se à mudança de função, que tende a provocar um maior número de sujeitos explícitos.

Após a observação dos dados em cada gênero em particular, algumas observações gerais podem ser feitas. A entrevista televisiva foi o gênero que apresentou resultados mais peculiares, como ter sido o único a selecionar o grupo status informacional com maior relevância. Acreditamos que isso se deva principalmente à sua estrutura composicional (sequência dialogal).

O fator “mudança de função sintática” destacou-se nas aulas, contexto em que a repetição funciona como elemento propiciador para que um referente mude seu papel sintático, ganhando posição de destaque no discurso.

Por fim, o gênero aula mostrou-se como o gênero mais favorecedor da ocorrência da estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo], principalmente, como nos parece, por seu estilo e estrutura composicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados da nossa pesquisa, podemos tecer algumas considerações sobre o uso da estrutura [SN + Pronome Anafórico + Verbo] em alguns gêneros do português brasileiro, muito comuns no nosso dia a dia.

Nosso trabalho, norteado por uma análise funcionalista, associada à perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista e a alguns estudos da Análise de Gêneros, baseou-se em um corpus constituído por sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas, selecionados a partir do ano de 2010, através do YouTube.

Com o objetivo de evidenciar o papel discursivo que o pronome anafórico exerce ao retomar o SN, formulamos hipóteses de natureza comunicativo-funcional, gramatical e semântica. Antes de mais nada, pode-se pensar que o pronome exerça o papel de servir como um “lembrete”, contribuindo para a melhor compreensão do discurso, em circunstâncias em que a relação entre o SN e o verbo seja intermediada por elementos intervenientes. De fato, confirmando a nossa hipótese, na análise dos três gêneros, a presença de material interveniente



mostrou-se um ambiente favorecedor à estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo], em especial no gênero sermão. Possivelmente, a alta relevância da presença de material interveniente para os sermões tenha ocorrido devido ao uso de vocativos, muito comum nesse contexto, pois é a maneira como o falante (padre, pastor) se dirige ao público (“meus irmãos”, “meus amigos”), buscando uma aproximação.

Propusemos, também, verificar se referentes textualmente evocados no discurso seriam mais propiciadores à retomada pronominal, analisando, assim, o status informacional do SN. Os percentuais encontrados para esse grupo apontam para a direção esperada: o pronome anafórico parece ser usado predominantemente junto a referentes velhos. Interessante notar que esse fator só foi selecionado para o gênero entrevista televisiva, revelando uma característica bem peculiar a esse gênero. Possivelmente, essa escolha se deve ao fato de, em sua estrutura composicional, estar presente a sequência dialogal, o que propicia a produção de entidades evocadas “engatilhadas”, ou seja, repetições idênticas (provocadas pela interação entrevistador/entrevistado).

De forma semelhante, a mudança de função sintática, ou seja, a passagem à posição de destaque de um referente que anteriormente já ocorrera, porém, em outra função, pode lançar mão do pronome para pôr em evidência esse papel. Em especial no gênero aula expositiva, esse fator foi relevante, pois esse gênero propicia o uso de repetições, o que leva à frequente troca de papéis sintáticos no discurso e, conseqüentemente, ao uso do pronome como marca dessa troca. Essa mudança mostra-se como uma condição favorecedora da retomada anafórica do sujeito, corroborando, assim, seu papel discursivo. Destacando o elemento que ocupa a posição de tópico, o pronome apresenta um papel altamente funcional.

Na análise realizada para sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas, este último gênero foi o ambiente mais favorecedor, em nosso corpus, para a ocorrência da estrutura em estudo. Buscamos examinar se algum dos três gêneros em estudo tenderia a ser um contexto mais favorecedor para o fenômeno. O gênero aula (.70) mostrou-se o mais favorecedor, vindo em segundo e terceiro lugares as entrevistas (.49) e os sermões (.39). Acreditamos que as características do gênero aula, no que tange ao seu propósito comunicativo e ao seu estilo (transmitir conteúdos e conhecimentos de uma maneira mais informal), e a forma como as aulas são gravadas para a exposição na internet, em que há a preocupação com a clareza para ficarem mais acessíveis ao ouvinte, contribuem para esse favorecimento. Essas características levam à reiteração de um elemento, à repetição de um item que acaba sendo retomado através do pronome.

Diante disso, a análise da estrutura [SN + Pron. Anaf. + Verbo] nos gêneros sermão religioso, entrevista televisiva e aula expositiva nos permite reforçar a ideia de que o pronome parece ocorrer para desempenhar uma função discursiva. O pronome é usado ora para evitar falhas na comunicação, provenientes de quebras de continuidade discursiva, ora para reforçar o referente destacado, e ora para marcar uma troca de papéis no discurso.

Através dessa pesquisa, pudemos observar como o falante se articula para mostrar as idas e vindas de um tema na modalidade oral. Partindo-se do reconhecimento de que qualquer texto oral está interligado a certas estratégias de comunicação, entendemos que há a necessidade, por parte do falante, de “eleger” o que vai usar do ponto de vista gramatical e discursivo. Assim, de acordo com o seu conhecimento linguístico e extralinguístico, os falantes utilizam os recursos que se apresentam para transmitir a sua mensagem. No nosso caso, o recurso em destaque é a utilização do pronome anafórico.

Trabalhar com uma perspectiva de caráter discursivo teve como objetivo verificar a correlação entre o desenvolvimento do tópico e o uso da referida construção, contribuindo para compreender a sua inserção e seu papel na organização tópica no discurso.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. Da pesquisa ao ensino: múltiplas abordagens pedagógicas para o ensino de gêneros. *In*: BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola. 2013, p. 213-227.
- BAZERMAN, C. **Reference guide to writing across the curriculum**. Indiana: Parlor Press LLC, 2005.
- BELFORD, E. M. **Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.
- BELFORD, E. M. **A Estrutura [SN + pronome anafórico + verbo] nos gêneros sermão, entrevista televisiva e aula**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2016.
- BHATIA, V. K. Genre Analysis Today. **Revue Belge de Philologie et d’Histoire**, v. 75, n. 3, 1997, p. 629-652.

BRAGA, M. L. Esta dupla manifestação de sujeito, ela é condicionada linguisticamente. **Estudos Linguísticos, XIV Anais de Seminários do GEL**, Campinas, 1987, p. 106-115.

BUTLER, C. **Structure and Function: A guide to three major structural-functional theories**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. *In*: LI, C. (ed.). **Subject and Topic**. Nova York: Academic Press, 1976, p. 27-55.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro**. Tese de Doutorado. Campinas, Universidade de Campinas: IEL, 1995.

GIVÓN, Talmy. From Discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *In*: GIVÓN, Talmy (ed.). **Syntax and semantics**, v. 12 Discourse and Syntax. Nova York: Academic Press, 1979, p. 81-112.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola, 2008.

MILLER, C. R. Genre as social action. *In*: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (org.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis 1994. p. 23-42 (Originalmente publicado em: Quarterly Journal of Speech, v. 70, p. 151-167, 1984).

OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. *In*: GIVÓN, Talmy (ed.). **Syntax and semantics**, v. 12. Discourse and syntax. Nova York: Academic Press, 1979, p. 51-80.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. *In*: PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança Linguística em Tempo Real**. Contra Capa Livraria, 2003, p. 97-114.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. **Diacrítica** 24/1. Braga, Ed. Universidade do Minho, 2010, p. 471-489.

PONTES, Eunice. Da importância do tópico em português. **Anais do V Encontro Nacional de Linguística**, v. 2, PUC/RJ: out. 1981. p. 397-429.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, Peter (ed.). **Radical pragmatics**. Nova York: Academic Press, 1981, p. 223-254.

PRINCE, E. F. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness and Information status. *In*: Sandra Thompson and William Mann (eds.). **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fund-raising Text**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L., BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. Parábola: 2005, p. 184-207.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Nova York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Research genres: explorations and applications**. Nova York: Cambridge University Press, 2001.